

A Tartaruga dourada

Todos os anos pela mesma altura, juntavam-se numa pequena ilha entre os continentes, os animais e os seres mágicos, cada um do seu país, para realizar uma grande conferência com o fim de tratar dos assuntos correntes e dar conselhos. "Eu" diz a serpente, que era representante dum pequeno país africano, numa manhã sombria, "tenho algo a comunicar", e satisfeita consigo própria precruta a multidão. "Então?", o crocodilo do Egipto boceja e prepara-se para fazer um ou dois comentários úteis e dormir, em seguida, durante o resto da reunião. "O problema que nos ocupa hoje" continua a serpente sibilando impertubável, "é que nós não nos compreendemos uns aos outros. Só os mais cultos dos nossos povos têm a capacidade de falar mais de duas línguas, e mesmo assim nunca são as mesmas."

Os animais que já muitas vezes tinham evitado esta questão com habilidade, porque é incomodo de reflectir sobre questões para as quais não nos ocorre nenhuma solução, e repudiavam esse constrangimento, começaram a murmurar entre si pateando nervosamente.

"Então?" pergunta o cobolde Irlandês ajeitando o seu pote dourado para se sentar (por causa da catastrófica economia mundial, no seu interior só estava um botão), "nós conseguimos sempre entendermo-nos até hoje, ou não?"; "Isso não é a verdade", afirma uma ovelha vinda das terras altas escossesas, como representante da Nessie que tinha apanhado uma constipação. "Nós não conseguimos que notícias importantes sejam recebidas. Os koalas numa zona da floresta tropical, não sabem que num outro sítio ela está a arder. Os peixes morrem por causa da poluição das águas de outras regiões, porque ninguém lhes diz que vem aí uma mancha de óleo."

E nós, que realizamos esta conferência, temos todos os anos que tirar à sorte de como é que devemos falar nos nossos conselhos. Chamas a isso entendermo-nos?", berra para reforçar as suas palavras, deita-se, e retoma o seu mastigar.

Durante algum tempo silêncio domina e, enquanto isso, no pensamento de alguns animais particularmente perquicosos, esbocam-se idéias assassinas contra a ovelha inesperiente. Nisto, avança determinado o leão das arábias: "A minha língua é vocês devem adaptar", e levantando a pata, põe-se a observar nas suas garras como demonstrando o seu poder.

"Porque eu sou o mais forte, mais veloz, e o mais perigoso de todos nós. E é uma lei da natureza de que o mais forte vença. Então está o problema resolvido. Cada um aprende-a e todos se compreendem entre si." "Isso não", replica um lagarto, que ninguém sabia ao certo de onde vinha, "a minha língua é que será falada. Eu sou ver vivo com mais prolongada árvore generológica. Eu ainda descendo do dinossaúrios e, com tanta tradição, é natural que saiba o que é bom."

Um ruidoso aplauso eleva-se da multidão e o lagarto lança ao leão um olhar de desprezo. "E porque não a minhar?" grita uma voz alta para se suberpor ao barulho e quando um rinoceronte dá um passo ao lado, aparece um coelho em cena. Eu sou muito prolífero e a língua do meu país se-lo assim também.

Uma hiena põe-se a rir e recebeu um coice dum zebra no focinho. "Eu também sou muito prolífero. Apotemos pois a minha língua", declara um ratinho muito canteloso. "E eu!" grita (berra) um paquiderme em uníssono com um antílope. "E eu..." rosna um leopardo.

Depressa deu para perceber que cada um dos animais, e cada país, pretendia que a sua língua fosse aquela que os outros deviam aprender, e que ninguém estava disposto a abandonar a sua posição e ceder em proveito do vizinho.

Foi então que uma pequena tartaruga, que até mesmo representava nenhum país, e que em vez disso morava na ilha, ouviu a gritaria, e começou lentamente, como é usual nas tartarugas, a arrastar-se em direção do comício. Uma vez lá chegada, procura uma falésia alta que havia nos arredores, e trepa por ela. "Silêncio!" Um berro monstroso deixou os animais todos a tremer e como que comandados por uma força invisível, olharam todos fixamente para uma pequena mancha empoleirada numa grande pedra. A tartaruga sorriu de satisfação, contente consigo própria pela força do brado que lançara. "Eu penso", diz ela com uma voz elevada, "Eu tenho uma solução para o vosso problema". Uma vez mais pôs-se a hiena a rir, mas protegeu-se logo a tempo pondo uma pata sobre o seu focinho dolorido de forma a que não pudesse voltar apanhar.

"Porque não criar uma nova língua?" continua a tartaruga do alto da sua falésia. "Porque não criar uma que seja fácil de aprender e fácil de falar por todos os seres vivos deste mundo? Uma língua que não desfavoreça nenhum país nem tampouco favoreça um outro?" Ela observa os animais lá em baixo, que que abismados a olhavam fixamente, e alentava a esperança de que a sua proposta fosse aceite. "E como.." começa a leão devagar e rugindo vagamente, "é que vamos de conseguir criar essa língua?" A tartaruga faz um movimento triunfante com a pata, pois pois durante a sua lenta caminhada até aquele comício, tinha pensado no assunto de forma aprofundada.

"Eu vou explicar-vos isso", começa ela, e fala durante muitas horas fio; E quanto mais ela falava e elucidava sobre essa língua, mais os animais aceitavam a sua ideia. "Extraordinário!" comenta o crocodilo. "Maravilhoso" diz o leão. "Nós devemos recompensá-la", decide o boi irlandês. "Com certeza!" apoiam-no os animais. "Mas como?" "Eu ocupo-me disso!" faz-se ouvir através da multidão uma voz enérgica, e a fada Hollywoodesca da USA eleva-se até lá em cima, pairando na pedra onde a tartaruga se empoleirara. Levanta a sua varinha de condão, diz algumas palavras mágicas, e uma chuva dourada abatesse sobre o corpo da pequena inventora da língua, até que dos pés à cabeça a poeira dourada a envolveu.

"Assim reconhecemos-te sempre como a nossa grande ajuda e tu poderás participar em cada reunião." declara ela, e a multidão lá em baixo, aplaude. "Com muito gosto", a fada faz uma vénia e esvoaca de volta ao seu lugar. A tartaruga, lá em cima sobre a sua pedra, sorriu um sorriso largo, e acha que tudo bem visto tem razões para estar contente consigo própria.

Uma história verdadeira contada por Katharina von Radziewsky em junho de 2003.

Traduzido de René Murschenhofer e Pedro Correia da Silva